CAETANO VELOSO

Amelia e Telluride

Gosto especialmente de Amelia Rabello. Senti muito ter perdido, na véspera de minha vinda para a Bahia agora, a apresentação dela no Teatro Rival. Só tinha aquele dia para ficar no Rio e precisava encontrar Inês Pedrosa, a escritora portuguesa que também adoro — e que ia viajar para Lisboa na mesma quarta-feira em que embarquei para Salvador. Um dia falo mais sobre Inês. Agora quero escrever algumas palavras sobre Amelia.

Eu a ouvi pela primeira vez num show de Paulinho da Viola. Ela fazia coro e, em meio ao espetáculo, Paulinho a convidava para cantar sozinha uma canção. Fiquei impressionado com a aparição da alma do samba assim exposta numa precisão musical de cantor jazzístico. Era como se o espírito de Dona Ivone Lara estivesse no domínio do aparelho de cantar de uma Elis Regina. Toda a exuberância do pianista Cristóvão Bastos (com quem partilhei o palco na primeira temporada da Banda Black Rio, nos anos 1970), que mais parece um desperdício de alterações harmônicas — como é frequente em instrumentistas de jazz pós-bebop e em todo o samba-jazz brasileiro — ganha sentido de necessidade. Se nos trabalhos com Paulinho Cristóvão mostra sempre sensibilidade profunda para o vocabulário do samba, com Amelia ele chega à economia perfeita e à adequação total. Mas é o canto dela que parece fazer — de modo exigente — a liga. Seu timbre já explica cada escolha harmônica de um ponto de vista culto. Da cultura do samba carioca em suas manifestações mais puras. Claro que é Paulinho quem paira sobre tudo isso: sem ele essa história não estaria no estágio em que está. Mas Amelia parece material bruto. Mesmo que Paulinho seja o mestre que veio de mais perto do núcleo do samba, Amelia, que ouviu o chamado e chegou perto, soa como se ela própria fosse uma das referências a que ele tem de se reportar. Seu novo disco — com Cristóvão no piano e nos arranjos e quase todo composto de letras de Paulo César Pinheiro (mas com um Radamés sobre Ataulfo e um Ataulfo pouco conhecido, além de um Roque Ferreira, um Moacyr Luz e um Pedro Amorim) — chama-se "A delicadeza que vem desses sons" e deve ser ouvido por quem quer que queira entender de samba e de cantoras.

■■■■■■

Telluride é uma cidade bem americana. Quando você chega a uma cidade americana, você não sente que entrou nela: mais parece que você saiu para o descampado. Em Telluride essa única rua que se vê nos filmes de caubói abre-se para a visão das Montanhas Rochosas. No tempo das diligências, era uma zona de mineração. Há 38 anos mantém um festival de cinema que é um paraíso para cineastas e cinéfilos. Não há competição nem prêmios. E — o mais impressionante — não há repórteres nem *paparazzi*. Este ano, embora lá estivessem George Clooney e Tilda Swinton (além de Werner Herzog, Wim Wenders e Alejandro Iñárritu) não se via nem uma cena sequer de fotógrafos assediando-os ou de microfones surgindo sob seus queixos. A moça que foi me buscar no aeroporto me disse que temia que a imprensa se acercasse do festival este ano, já que uma descendente de Bush ia se casar com um descendente de Ralph Loren numa fazenda logo ali ao lado. Mas que nada. O que havia era gente vendo filmes e conversando sobre cinema. Apresentei seis filmes, como diretor convidado. Tradicionalmente eles convidam uma pessoa que não (necessariamente) seja do *métier* para exibir e comentar filmes de sua escolha. Suponho que foi Peter Sellars (o diretor de teatro e ópera de vanguarda, o idealizador de "Nixon in China", não o igualmente genial ator do "Doutor Fantástico" e da "Pantera Cor de Rosa", aliás já falecido) quem sugeriu meu nome a Tom Luddy. Enquanto ainda duvidava se poderia aceitar o convite, tinha uma única certeza: que levaria "As grandes manobras", de René Clair. É que, apesar de minha paixão pelo cinema italiano (que, de resto, já foi externada num disco dedicado a Federico Fellini e Giulietta Masina e numa canção chamada "Michelangelo Antonioni"), ter visto o filme de Clair em Santo Amaro aos 16 anos teve um impacto sobre mim ao qual eu sei que tenho de ser leal. E há a certeza de que dificilimamente alguém elegeria esse filme para uma mostra agora: Clair foi esnobado pela geração da Nouvelle Vague e, se seus filmes mudos e os primeiros falados gozam de alta reputação, uma comédia sentimental (colorida) dos anos 1950 fica abaixo da varredura dos radares. O resto foi consequência da decisão inabalável de mantê-lo na lista. Eu quis levar "Matou a família e foi ao cinema", de Bressane, mas o esquecimento em que se encontra "Deus e o Diabo" entre os críticos e cinéfilos americanos me fez sentir-me obrigado a insistir nele. A combinação de "Grande manobras" com "Deus e o Diabo" — aquele reafirmado por "Se meu apartamento falasse", de Billy Wilder; este, pelo desequilíbrio inocente e brilhante de "Aniceto", de Leonardo Favio — e com o insuperável Godard de "Viver a vida" como fiel da balança — todos ligados pela revelação (para mim) de "Nordeste: cordel, repente, canção", de Tânia Quaresma — fizeram de minha minimostra um monstrinho intrigante. Valeu.

> "Pina", de Wenders, é a primeira coisa em 3D que enfrenta a densidade e a seriedade

Mais valeu ver "Pina", de Wenders. É a primeira coisa em 3D que enfrenta a densidade e a seriedade. Esperemos que seja logo lançado no Brasil.

Mas a cena que melhor ilustra o festival se deu quando, tendo ido até o alto da montanha para apresentar "Vivre sa vie", encontrei Wenders, que me dizia: "Há 25 anos não vejo esse filme".

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York; Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso

ROCK IN RIO

E assim se passaram 26 anos...

• Continuação da página 1

Arquivo/Jorge Marinho

COM LAMA até a raiz dos cabelos: as chuvas de verão transformaram o Rock in Rio de 1985 num charco

Foi em 1985 que começaram a ser construídas as ciclovias da cidade — hoje elas já somam mais de 200 quilômetros. Os rios Carioca, Anil, Tindiba e Grande, canalizados anos mais tarde, transbordavam com frequência. A maior lama. E, por falar em lama, foi ela que marcou a primeira edição do festival. Literalmente atolada, muita gente assistiu aos shows de Rod Stewart e Yes — no melhor (ou pior?) clima Woodstock — sem chiar. Espalhadas pelo terreno baldio da primeira Cidade do Rock, em Jacarepaguá, fãs da cantora alemã Nina Hagen usavam botas pretas e meias-arrastão e pouco se lixavam para o barro que ameaçava escalar suas pernas.

— Era tempo de cabelo colorido, blusas de cores fluorescentes e maquiagem pesada — lembra a estilista Yamê Reis.

A excitação em torno da liberdade e da música era tanta que deu origem até a um neologismo: "metaleiro", termo para designar os fãs de bandas de heavy metal.

— Era uma ducha de novidades — conta Marcelo Castello Branco, que foi presidente das gravadoras Universal Music e EMI. — Os artistas internacionais, até então uma miragem distante, pareciam deuses num palco gigante.

Seis anos mais tarde, quando o publicitário Roberto Medina deslanchou a segunda edição do festival, no Maracanã, o Rio já sentia o cheiro do petróleo da Bacia de Campos e se consolidava como centro metropolitano e prestador de serviços. O prefeito era novamente Marcello Alencar — dessa vez, eleito democraticamente —, e o governador, Moreira Franco.

— Estávamos na era Collor, no fim da nossa primeira aventura democrática — lembra Ana Maria Bahiana. — Era o começo da globalização, do grunge, do rock alternativo.

A internet, que hoje povoa celulares, era uma ilustre desconhecida. Quem comprava ingressos para shows no Brasil de 1991 enfrentava filas. Hoje em dia, 55% adquirem seus *tickets* no conforto da web.

No ano do segundo Rock in Rio, os fãs já divergiam quanto à melhor forma de ouvir seus ídolos.

— Embora ainda existisse a venda de discos de vinil, em 1991 o CD já começava a tomar conta do mercado — lembra Paulo Rosas, da ABPD. — A partir dali e até o começo dos anos 2000, ele reinou, num momento próspero para a indústria musical.

Em 2001, quando o Rock in Rio voltou a Jacarepaguá, a cidade crescia na direção da Zona Oeste, seguindo o fluxo da recém-inaugurada Linha Amarela (1997). O prefeito era Cesar Maia, e o governador, Anthony Garotinho. Era o tempo do *boom* dos restaurantes a quilo e do retorno das pequenas e médias empresas ao Rio. Em 2001, o Brasil detectou o terceiro dos quatro tipos de dengue e superou com dor mais uma epidemia.

Na moda, era a vez das *boy bands* e de ninfetas como Britney Spears. Estava mais *in* quem parecesse cada vez mais jovem e mais sexy.

— Os shorts e as calças jeans, justas e de cós bem baixo, combinaram com camisetas de malha para o *look* básico — lembra a professora de Moda da Fundação Getúlio Vargas Marta Kasznar. — Para os meninos, o visual skatista dava direito a camisetas com frases de protesto ou apenas engraçadinhas.

Era a consagração do DVD, primo pobre do Blu-ray, e das transmissões ao vivo.

Foi no terceiro Rock in Rio que o número de palcos cresceu para atender a um público cada vez mais amplo. Couberam naquela edição apresentações de Sandy & Junior, Cássia Eller, R.E.M., DJ Marky, Carlinhos Brown e Red Hot Chili Peppers. O MP3 era uma novidade, e os LPs há um bom tempo já tinham deixado de ser fabricados no país.

A lógica da diversidade de 2001 se repetirá na edição que começa na próxima sexta-feira. Serão dois palcos, uma tenda eletrônica e uma Rock Street. Enquanto isso, o Rio se prepara para sediar a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, instala faixas exclusivas para ônibus e táxis (BRTs) e pensa na reformulação de sua zona portuária. É, sobretudo, uma cidade que desfruta pela primeira vez do alinhamento das três esferas políticas — prefeitura, governo estadual e federal — e que usa isso para impulsionar seus próprios projetos.

— O Rio venceu a velha discussão sobre o que deveria vir primeiro: a segurança ou o investimento social — destaca o presidente do Instituto Pereira Passos, Ricardo Henriques. — Com as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), nós nos demos conta de que a segurança é um abre-alas para o social e para a cultura. ■

COM REPORTAGEM DE Carlos Albuquerque, Cristina Tardáguila, Filipe Gomes, Marina Cohen e Silvio Essinger

Número de celulares

1985	**Não havia** (o serviço foi lançado no país em 1990)
1991	**6.700**
2001	**28.745.769**
2011	**220.352.712** (Até julho)

Fonte: Telebrasil

Ícones da moda

1985
Eles e elas: ombreiras, cabelos coloridos, botas e roupas flúor

1991
Eles e elas: camisas de flanela, estampa xadrez e cabelos oleosos

2001
Elas: jeans de cós bem baixo e camisetas de malha. **Eles:** bermudões e tênis skatista

2011
Elas: short jeans e camisa folgada colorida. **Eles:** camisa xadrez e bermuda larga

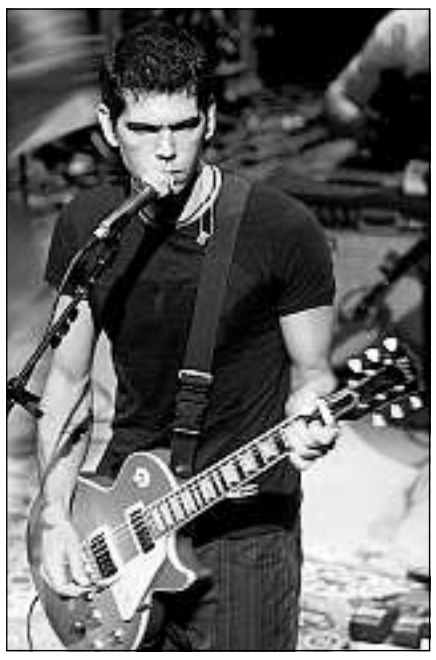
Técnicos da Seleção

1985	**Evaristo de Macedo e Telê Santana**
1991	**Falcão e Parreira**
2001	**Leão e Luiz Felipe Scolari**
2011	**Mano Menezes**

Roqueiros e jornalistas debatem o festival amanhã

• A semana do quarto Rock in Rio começa com uma edição especial da série Encontros O Globo, dedicada ao festival: amanhã, às 19h, no Teatro Rival, no Centro, os jornalistas Arthur Dapieve e Bernardo Araujo recebem Tony Bellotto e Branco Mello, dos Titãs; Andreas Kisser, do Sepultura; o cantor Léo Jaime e o guitarrista Dado Villa-Lobos, que pertenceu à Legião Urbana. Além de relembrar as edições passadas e falar sobre o que vai passar pela Cidade do Rock a partir de sexta-feira, os músicos convidados estarão com seus instrumentos a postos para uma *jam session*. O público presente ao Rival ainda concorrerá a ingressos para o festival.

Fotos de divulgação



DADO Villa-Lobos e Andreas Kisser: um estreante, o outro veterano em mais um Rock in Rio

Os convidados têm experiências diferentes com o Rock in Rio. Os dois Titãs se apresentaram em 1991 e voltam este ano, para abrir o evento, ao lado dos Paralamas do Sucesso, na sexta-feira, além de se apresentar no palco Sunset, dividindo a tarde do último dia, 2 de outubro, com o grupo português Xutos e Pontapés. Kisser e o Sepultura vão para o terceiro Rock in Rio: tocaram em 1991 e 2001 e agora também se apresentam no Sunset, com o grupo francês Tambours du Bronx. O guitarrista, sozinho, ainda toca com Ed Motta e o blueseiro português Rui Veloso, no dia 23. Léo Jaime se apresentou em 1991. E Dado Villa-Lobos faz sua estreia: a Legião não era afeita a festivais, e seu ex-guitarrista participará do tributo ao grupo marcado para o dia 29, com a Orquestra Sinfônica Brasileira.

As senhas para o encontro começam a ser distribuídas às 17h, na bilheteria do teatro (Rua Álvaro Alvim 33), e quem não conseguir ir poderá acompanhar tudo pelo Twitter, através do perfil @OGlobo_Cultura. Por esse mesmo canal, os leitores poderão enviar perguntas para os mediadores, até as 12h de amanhã. O público presente ao teatro concorrerá a ingressos para o Rock in Rio. O teatro tem 300 lugares.

EXPEDIENTE

Editora: Isabel De Luca (ideluca@oglobo.com.br) • **Editores assistentes:** Bernardo Araujo (bbaraujo@oglobo.com.br), Cristina Fibe (cristina.fibe@oglobo.com.br), Fátima Sá (fatima.sa@oglobo.com.br) e Nani Rubin (nani@oglobo.com.br) • **Fotografia:** Leonardo Aversa (aversa@oglobo.com.br) • **Diagramação:** Ana Cristina Machado e Cristina Flegner • **Telefones/Redação:** 2534-5703 • **Publicidade:** 2534-4310 (publicidade@oglobo.com.br) • **Correspondência:** Rua Irineu Marinho 35, 2º andar. CEP: 20233-900